

## ABORDAGENS TEÓRICAS NO PROCESSO DE AQUISIÇÃO DE SEGUNDA LÍNGUA

Conie Smolinski<sup>1</sup>  
Valeria Zanetti Ney<sup>2</sup>

### RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar e comparar as ideias defendidas pelas Teorias Gerativa e Cognitiva referente ao processo de aquisição de segunda língua (L2), bem como o modelo proposto por Towell e Hawkins (1994). A abordagem Gerativa para a aquisição de L2 considera que o aprendizado da língua é determinado por uma competência específica para a linguagem – a Gramática Universal (GU), enquanto a visão Cognitiva afirma que as línguas são aprendidas através de competências cognitivas. O modelo proposto por Towell e Hawkins (1994) é uma tentativa de unir os aspectos de aprendizagem e de uso do sistema da L2 pelos aprendizes. Com o intuito de enriquecer a compreensão do processo de aquisição de segunda língua, nós apresentamos uma análise crítica e comparativa baseada em pesquisa teórica em livros e artigos científicos sobre aquisição de L2.

**Palavras-chave:** Teorias de Aquisição. Segunda Língua (L2). Gramática Universal (GU).

### ABSTRACT

The present research paper aims on analyzing and comparing the ideas of the Generative and the Cognitive Theories regarding the process of second language (L2) acquisition, as well as the model proposed by Towell and Hawkins (1994). The Generative approach of L2 acquisition considers that language learning is constrained by a specific language faculty – the Universal Grammar (UG), while the Cognitive view claims that languages are learnt through cognitive faculties. The model proposed by Towell and Hawkins (1994) is an attempt to integrate both the learning and the usage aspects of L2 system. In order to enrich the understanding of the process of second language acquisition, we herein present a comparative and critical analysis based on theoretical research in books and in scientific articles about L2 acquisition.

**Keywords:** Acquisition Theories. Second Language (L2). Universal Grammar (UG).

<sup>1</sup> Especialista em Aquisição e Ensino da Língua Inglesa e graduada em Jornalismo pela Universidade Feevale. E-mail: conie@feevale.br.

<sup>2</sup> Professora da Universidade Feevale e orientadora deste trabalho. E-mail: valerian@feevale.br.

## INTRODUÇÃO

O termo “aquisição de L2” refere-se ao processo de aprendizagem de uma língua que não seja o idioma pátrio (L1) do aprendiz. Dessa forma, considera-se que os aprendizes já dominem um idioma (sua primeira língua) e que eles possuam cognição suficiente para auxiliá-los na tarefa de aquisição de um segundo idioma (L2). O estudo de aquisição de L2 começou na segunda metade do século XX e, desde então, concentrou-se basicamente em explicar como os estudantes aprendem uma segunda língua e como eles usam o sistema de L2.

Descrever as esferas biológicas do processo de aquisição de L2 é o objetivo principal da Teoria Gerativa, provindo do trabalho de Noam Chomsky. Uma das características principais dessa teoria, por exemplo, é a visão de que a aquisição de uma língua ocorre em um módulo separado no cérebro, distinto de outros aspectos da cognição, o qual é conhecido como Gramática Universal (GU). Assim, o insumo exerceria apenas o papel de um “gatilho” para acessar esse conhecimento já disponível.

A Teoria Cognitiva, por outro lado, está mais direcionada ao uso que os aprendizes fazem do sistema de L2. Ao contrário dos Gerativistas, os teóricos Cognitivos acreditam que o idioma não é uma unidade independente no cérebro, mas sim uma faculdade aprendida como qualquer outra habilidade, passo a passo, e que seu domínio vem do uso contínuo.

Enquanto a primeira é considerada uma teoria de propriedade, focada em como os aprendizes adquirem o segundo idioma, a segunda é focada em como os aprendizes usam o segundo idioma.

Embora essas duas teorias apresentem muitas questões contrastantes, elas são muitas vezes mencionadas como complementares, o que foi observado por Towell e Hawkins (1994), quando propuseram seu modelo de aquisição de segunda língua. Como resultado e baseados nas teorias mencionadas, os pesquisadores desenvolveram um modelo de como a aquisição de um segundo idioma pode ocorrer, integrando os dois aspectos: a aprendizagem e o uso do sistema de L2 pelos aprendizes de segunda língua.

Com o intuito de melhor entender as ideias sustentadas por cada teoria, bem como pelo modelo de Towell e Hawkins (1994), considera-se essa pesquisa relevante por nos permitir olhar

para o processo de aquisição de L2 de uma perspectiva científica, servindo de base teórica para compreender o curso natural que conduz à aquisição de uma segunda língua e, dessa forma, instigar uma reflexão sobre o processo de ensino/aprendizagem de L2.

## BREVE HISTÓRICO DAS TEORIAS DA AQUISIÇÃO DE SEGUNDA LÍNGUA

As teorias de aquisição de segunda língua originaram-se das teorias de aquisição de língua materna e dedicaram-se a investigar como uma língua é assimilada e como ela é usada pelos aprendizes, analisando também se a aquisição de um segundo idioma seguiria um curso similar à aquisição do idioma pátrio.

As primeiras propostas de aquisição de segunda língua nasceram do Behaviorismo, uma teoria psicológica significativa nos anos 40, principalmente representada pelos americanos Leonard Bloomfield e Burrhus Frederic Skinner. Para os Behavioristas, adquirir um idioma consistia em repetir um conjunto de estruturas como modelos para produzir novas frases, formando hábitos de comunicação. Portanto, o processo de aquisição de uma segunda língua baseava-se apenas em aprender como responder corretamente aos estímulos que cercavam os aprendizes, principalmente usando os hábitos de comunicação do idioma pátrio.

Como os Behavioristas acreditavam que os hábitos do idioma pátrio interferiam na aquisição de um segundo idioma, os erros que essa intervenção causava poderiam interromper ou limitar a aprendizagem da segunda língua. Dessa forma, a ideia principal do processo de aquisição de L2 com a visão Behaviorista era mostrar que pesquisadores e professores poderiam prever as estruturas que seriam mais dificilmente adquiridas, baseados nas diferenças entre o idioma pátrio dos aprendizes e a segunda língua. As estruturas comuns a ambas as línguas seriam facilmente aprendidas, enquanto a aquisição de estruturas diferentes seria complexa, e os erros seriam gerados por transferência de hábitos da primeira língua para a segunda (NEY; GREGIS, 2007).

Os críticos dessa teoria observam que as crianças são capazes de produzir frases nunca antes ouvidas e que, mesmo crianças que não conseguem imitar modelos de estruturas, devido a algum problema neurológico ou físico, ainda são capazes

de se comunicar em um idioma.

Problemas da abordagem Behaviorista no que se refere à aquisição de L2 incluem o fato de que pura formação de hábitos com a repetição de um número limitado de frases não é suficiente para se manter uma conversa na vida real. Soma-se a isso o fato de que os pesquisadores não conseguiram descobrir, no idioma pátrio dos aprendizes, muitos dos erros cometidos na segunda língua. Além disso, as pesquisas demonstraram que o processo de aquisição de uma língua é mais complexo do que uma mera transferência de hábitos e envolve âmbitos biológicos e psicológicos, os quais foram posteriormente analisados pelas teorias Gerativa e Cognitiva.

No final dos anos cinquenta, o linguista Noam Chomsky desenvolve o conceito de Inatismo, como uma reação ao que ele acreditava ser a deficiência do Behaviorismo: a observação de que as crianças normalmente sabiam mais sobre sua língua do que poderiam, se baseadas apenas no insumo que recebiam. Isso ficou conhecido como “a pobreza de estímulo” ou “o problema lógico” da aquisição da língua. Devido a isso, Chomsky sugere que os aprendizes possuam uma aptidão especial que os capacita a administrar a pobreza de insumos de forma a descobrir as regras da língua. De acordo com Chomsky, as crianças têm acesso a pronúncias e frases incorretas que não fornecem a informação que elas precisam para descobrir a estrutura de uma língua, o que o levou a afirmar que muitas das características da gramática emergem dessa aptidão inata conhecida como Gramática Universal (GU). Assim, a aquisição da língua passou a ser considerada “o produto de um dispositivo de aquisição através do qual a criança acessava um conjunto de regras universais da estrutura superficial da língua que ela estava adquirindo” (ELLIS, 1985, p. 72).<sup>3</sup>

Além disso, pesquisas apontam evidências de que as correções dos pais sejam inexistentes ou mesmo ignoradas pelas crianças, que continuam empregando seu jeito de se expressarem (LIGHTBROWN; SPADA, 2004). A “pobreza de estímulo” ficou ainda mais evidente diante da observação de que as crianças adquirem a língua

uniformemente sob diferentes condições de exposição a ela. Towell e Hawkins mencionam, por exemplo, o caso de crianças de uma região da Guatemala, onde é típico ignorar a criança até que essa esteja falando como os adultos; ou o caso de filhos de pais surdos, que tiveram pouco insumo em que se basear, e em nenhum caso foi constatado atraso no desenvolvimento oral (TOWELL; HAWKINS, 1994).

O conhecimento prévio presente na Gramática Universal, que informa o que é possível nas línguas humanas, ajuda a amenizar o problema de aprendizagem gerado pela “pobreza de estímulo”. Uma vez possuindo essa espécie de dispositivo inato de todas as características gramaticais disponível no cérebro (GU) e usando a criatividade com o mínimo de insumo, as crianças conseguem desenvolver a língua e gerar inúmeras frases. Essa habilidade de gerar comunicação é a razão por que Chomsky chamou sua teoria de Gerativa.

Uma vez evidenciado que a faculdade humana é uma força influente na aquisição da língua, os pesquisadores dedicados à aquisição de L2 consideraram seus princípios para avaliar se a GU mediará também a aquisição de um segundo idioma.

Então, os seguidores de Chomsky observaram que os aprendizes de L2 normalmente possuem um conhecimento da segunda língua maior do que o insumo a que têm acesso poderia lhes fornecer. A identificação da “pobreza de estímulo”, também na aquisição de L2, levou os pesquisadores a presumirem que a GU estaria igualmente disponível para a aquisição de um segundo idioma. “Temos evidência de que os adultos têm algum tipo de acesso ao conhecimento da GU, e que esse conhecimento é usado no desenvolvimento da competência para língua estrangeira” (GITSAKI apud BLEY-VROMAN; FELIX; LOUP, 1988).<sup>4</sup>

Dessa forma, os pesquisadores Chomskianos defendem que, uma vez que a GU permanece disponível para a segunda língua, o insumo pode ser mínimo, apenas o suficiente para ativar o dispositivo da GU.

A crítica a essa visão está na grade ênfase que os Gerativistas dão à dimensão linguística da

<sup>3</sup> “The product of an acquisition device by which means the child related a set of universal grammatical rules to the surface structure of the language he was learning” (ELLIS, 1985, p. 72).

<sup>4</sup> “Evidence was provided that adults have some sort of access to knowledge of UG, and this knowledge is used in the development of foreign language competence” (GITSAKI apud BLEY-VROMAN; FELIX; LOUP, 1988).

aquisição, considerando os aprendizes apenas como possuidores da faculdade linguística e não se preocupando em como o conhecimento da língua é acessado em tempo real (MITCHELL; MYLES, 2004).

Definitivamente, a Teoria Gerativa não é uma teoria do desenvolvimento da língua, e sim da natureza da capacidade linguística, mas pesquisadores concordam que certas características da língua são muito abstratas e sutis para serem aprendidas sem a suposição de um dispositivo inato para a linguagem.

Finalmente, em se tratando de aquisição de linguagem, os pesquisadores podem apoiar ou se opor a Chomsky, mas não podem omitir Chomsky. De acordo com Ellis, a Teoria Gerativa tange “uma questão de considerável importância teórica: a amplitude na qual uma língua, que não seja a língua mãe, é completamente aprendida” (ELLIS, 1997, p. 66).<sup>5</sup> Chomsky instigou muitos estudos posteriores, não apenas em linguística, mas também em filosofia e psicologia, o que levou os estudos nessa área a um novo período: o cognitivo.

Ao contrário da Teoria Gerativa, a perspectiva Cognitiva enfatiza o componente de aprendizagem da aquisição da linguagem, isto é, o desenvolvimento da competência. Essa proposta surgiu na década de setenta, através do trabalho do linguista Ronald Langacker, um ex-Chomskiano que preferiu repensar a aquisição da língua em vez de administrar todas as exceções que ele encontrou na Teoria Gerativa.

A Teoria Cognitiva concentra-se em como os aprendizes usam o sistema de L2 quando o aplicam em tempo real, o que se afirma ser a deficiência das teorias anteriores. Seus pesquisadores estão interessados na relação entre linguagem e mente e vão além do sistema linguístico, para examinar operações da cognição mais complexas, tais como a criação da gramática e a conceitualização que ampara o uso da linguagem.

Essa abordagem defende que o processo de aprendizagem de um segundo idioma é mais bem explicado pela cognição humana, uma vez que os aprendizes geram representações mentais para definir e desenvolver o uso da L2. Os pesquisadores

da Teoria Cognitiva entendem que os aprendizes usam seu conhecimento cognitivo para descobrir as regras da L2 e que as estruturas linguísticas são meras ferramentas para expressar significados.

Os pesquisadores Allan Cruse e William Croft (2004) identificam três posições centrais da Teoria Cognitiva: primeiro, ela nega a existência de uma faculdade autônoma para a aprendizagem da língua; segundo, ela defende que o conhecimento da L2 se origina do seu uso; e, finalmente, ela entende a gramática em termos de conceitualização.

No que se refere a uma estrutura inata específica para a linguagem, os Cognitivistas argumentam que o processo de aquisição de uma língua não é uma aptidão única e autônoma, separada do restante da cognição. O que se acredita ser inato é as noções cognitivas gerais, que dão forma a mecanismos usados para todos os tipos de aprendizagem, inclusive a aprendizagem de um idioma. Os processos envolvidos na aprendizagem de segunda língua são comuns a vários outros domínios cognitivos: “A linguagem é uma habilidade cognitiva complexa que tem propriedades em comum com outras habilidades cognitivas em termos de como a informação é armazenada e aprendida” (MITCHELL; MYLES, 2004, p. 107).<sup>6</sup>

Outra característica significativa da Teoria Cognitiva é a defesa de que o conhecimento da L2 venha de seu uso. Considera-se que os aprendizes percebem padrões e construam as regras da L2 de acordo com essa percepção, então, os padrões são aplicados e esse conhecimento solidificado ou modificado, caso ele se revele incorreto na prática. Posteriormente, através da experiência e da prática, o uso desse conhecimento é automatizado (CROFT; CRUSE, 2004). Os cognitivistas atribuem grande importância ao papel do ambiente e do insumo para a aprendizagem da segunda língua, uma vez que ele propicia aos aprendizes experiências de recebimento e aplicação do idioma, tornando o conhecimento linguístico espontâneo e natural. “O desenvolvimento da segunda língua tem probabilidade de avançar, sob as condições corretas, simplesmente como resultado de exposição a

<sup>5</sup> “An issue of considerable theoretical importance: the extent to which a language other than our mother tongue is fully learnable” (ELLIS, 1997, p. 66).

<sup>6</sup> “Language is a complex cognitive skill that has properties in common with other complex skills in terms of how information is stored and learnt” (MITCHELL; MYLES, 2004, p. 107).

insumo significativo” (SKEHAN, 1998, p. 10).<sup>7</sup>

Por fim, os pesquisadores cognitivos defendem a hipótese de que “gramática é conceitualização”,<sup>8</sup> uma afirmação de Ronald Langacker (1987) frequentemente repetida pelos cognitivistas. Isso significa que a estrutura gramatical de uma língua está diretamente ligada à forma que as pessoas pensam e entendem essa experiência no contexto mundial. Sempre que compomos uma frase, inconscientemente, moldamos todos os aspectos da experiência que queremos transmitir. Assim, o significado de uma palavra é a nossa interpretação dessa experiência. Até mesmo a expressão vocal e sua entonação devem ser interpretadas e produzidas, e ambos os processos envolvem a interpretação da experiência a ser comunicada pelo orador.

Uma crítica a essa teoria é a observação de que os aprendizes se apoiam em outros fatores, além da cognição, para formularem suas hipóteses sobre o idioma, como em sua L1, por exemplo.

Além disso, Towell e Hawkins (1994) inferem que o problema da abordagem cognitiva é a falta de uma teoria da natureza da estrutura gramatical, juntamente a uma explicação clara de como o conhecimento linguístico interage com outras características da aquisição de segunda língua.

A perspectiva Cognitiva ainda enfrenta o problema lógico apontado pelos Gerativistas: o fato de que os aprendizes de L2 normalmente sabem mais sobre o segundo idioma do que permitiria o conhecimento fornecido pelo insumo a que são expostos.

Apesar de primeiramente caracterizada como uma oposição à Teoria Gerativa, a Teoria Cognitiva se desenvolveu e hoje é considerada um modelo linguístico completamente independente e percebida pelos pesquisadores como uma grande oportunidade de ligar o estudo da linguagem ao estudo do cérebro.

Muitos linguistas perceberam que diferentes componentes da linguagem são adquiridos de diferentes formas, alguns através da GU e outros com o auxílio de habilidades cognitivas. Essa totalidade foi enfatizada pelos estudiosos, que

afirmam que a oposição entre as Teorias Gerativa e Cognitiva “deveria ser vista mais como dois fins de uma série contínua, ao invés de uma dicotomia” (MITCHELL; MYLES, 2004, p. 97).<sup>9</sup>

Como resultado de tal constatação, Towell e Hawkins propuseram um modelo de aquisição de segunda língua (1994) em uma tentativa de integrar como os aprendizes adquirem o sistema de L2 e como eles o usam. De acordo com esse modelo, a Gramática Universal é usada para explicar por que certas estruturas são manifestadas antes de outras e por que os aprendizes passam pelos mesmos estágios no processo de aquisição de um idioma, enquanto a Teoria Cognitiva é usada para explicar como esse conhecimento gramatical se transforma em desempenho fluente na L2.

Em sua pesquisa, os autores observaram que as hipóteses como a L2 eram armazenadas de formas diferentes em momentos diferentes do processo de aquisição. Foram, então, identificados dois tipos de memória: a memória de curto prazo e a de longo prazo. A primeira tem uma capacidade limitada, e a segunda, não. Para se produzir linguagem fluente e correta, as estruturas da L2 devem ser automatizadas, dessa forma liberando espaço na memória de curto prazo para esta se concentrar em novas hipóteses.

Além disso, dois tipos de conhecimento foram identificados: o declaratório e o processual. O primeiro é o conhecimento teórico, o conhecimento sobre a língua; o segundo é o conhecimento de como a língua funciona na produção e na compreensão. O conhecimento declaratório é controlado pelo aprendiz, enquanto o processual é automático.

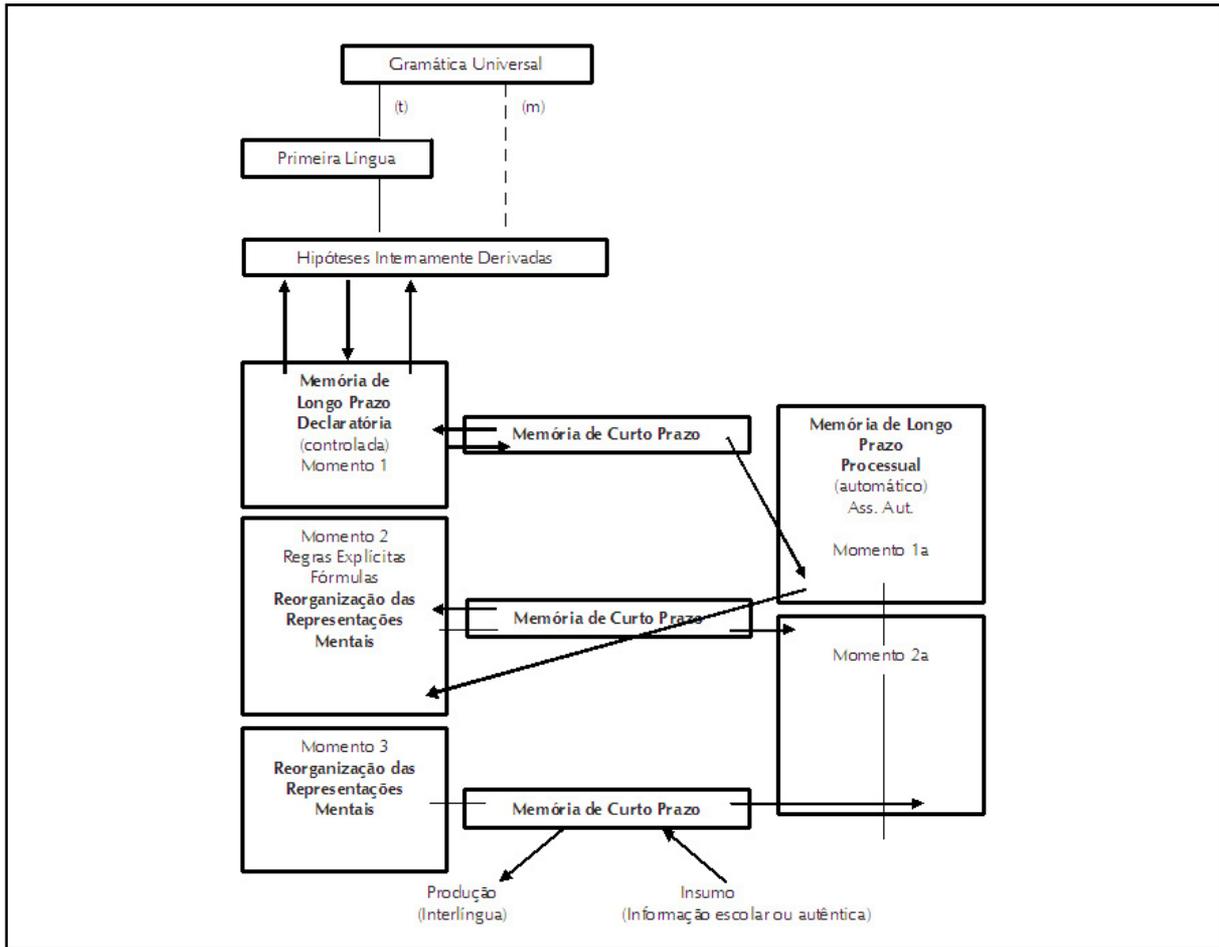
Finalmente, os pesquisadores perceberam que os aprendizes de L2 têm acesso a várias fontes de conhecimento, parte das quais são internas e parte externas. As fontes de conhecimento internas são a Gramática Universal e a L1 dos aprendizes. As fontes externas são a instrução explícita e a exposição ao idioma autêntico.

Considerando-se essas distinções, os pesquisadores propuseram uma interação desses elementos no modelo que está demonstrado e detalhado no diagrama um.

<sup>7</sup> “Second language development is likely to proceed, under the right conditions, simply as a result of exposure to meaningful input” (SKEHAN, 1998, p. 10).

<sup>8</sup> “Grammar is conceptualization” (LANGACKER, 1987).

<sup>9</sup> “Should be seen more in terms of the two ends of a continuum rather than a dichotomy” (MITCHELL; MYLES, 2004, p. 97).



**Figura 1 - Diagrama um**  
**Fonte: Towell e Hawkins (1994, p. 249)**

O modelo começa combinando as duas fontes de conhecimento internas: a GU e a L1 do aprendiz. A linha da GU via L1, que resulta em hipóteses internamente derivadas, indica transferência direta (t) da L1 (que é guiada pela GU) à L2. A linha tracejada da GU diretamente à L2 sugere mímica (m) das regras da L2, o que significa que os aprendizes podem construir regras para imitarem as propriedades que eles observam na L2 e que também é guiada pela GU.

Essas hipóteses oferecem sugestões sobre a essência do conhecimento linguístico, mas elas terão que ser confirmadas ou modificadas para se tornarem produções fluentes.

As fontes de conhecimento externas (o insumo de informação autêntica ou explícita) sempre

passam pela memória de curto prazo (conforme mostrado pelas linhas retas na parte inferior do diagrama) em direção à memória de longo prazo, conhecimento declaratório, onde estão as hipóteses internamente derivadas que oferecem indicações de como a L2 funciona. Então, com base na nova informação (insumo), essas hipóteses são revisadas ou fortalecidas e geram produções armazenadas na memória de longo prazo como conhecimento processual, primeiramente, como “associativo” (ass.) – o qual ainda é controlado pelo aprendiz – e, por fim, se as produções se revelarem utilizáveis com segurança pelo aprendiz, ele as armazena como autônomas (aut.) – produção automática.

As hipóteses que não se revelam aceitáveis para o uso fluente da língua permanecem no nível

associativo para futuras reorganizações. Isso ocorre com o auxílio de novo insumo e é apresentado pela linha que leva a produção da parte associativa da memória de longo prazo, processual, ao momento dois (2) da memória declaratória, em que a produção interage com as hipóteses internas (UG +/-L1) e com os novos insumos e, então, retorna à memória de longo prazo, processual, através das setas na memória de curto prazo, tanto no nível associativo (momento 2) quanto diretamente no nível autônomo (momento 3).

Dessa forma, o diagrama criado por Towell e Hawkins (1994) permitiu uma interação entre as características naturais e psicológicas da aprendizagem de segunda língua.

### CONSIDERAÇÕES

Pesquisadores e linguistas afirmam que o estudo do processo de aquisição de segunda língua está apenas começando e ainda existem mais perguntas que respostas, mas o desejo de saber o que os aprendizes fazem e o que eles sabem mantém a pesquisa nessa área em desenvolvimento intenso. Conforme declarado por Rutherford (1982): “Nós queremos saber o que é adquirido, como é adquirido e quando é adquirido. Mas quando tivermos as respostas para essas perguntas, também vamos querer saber o porquê” (ELLIS apud RUTHERFORD, 1982).<sup>10</sup>

A aquisição de um segundo idioma é um processo natural, que pode ser facilitado pela nossa consciência completa de como ele acontece. Pesquisas apontam evidências de que, quando as pessoas se empenham em uma atividade linguística, elas instigam muitas representações cognitivas e culturais, se apoiam em modelos, estabelecem conexões e coordenam grandes quantidades de informações e transferências. Embora as complexidades do processo de aquisição de segunda língua sejam ainda um desafio aos linguistas e psicólogos, que buscam uma teoria completa do processo, as contribuições valiosas nesse sentido das Teorias Gerativa e Cognitiva, bem como do modelo de Towell e Hawkins (1994),

devem ser enfatizadas para se seguir com os estudos nessa área.

### REFERÊNCIAS

Bastos, R. **Como a Genética Explica a Linguagem da Criança**. Sobral CE, 2007. Disponível em: <[http://www.busqueeducacao.com/detalhe\\_refletindo.php?id\\_refletindo=18](http://www.busqueeducacao.com/detalhe_refletindo.php?id_refletindo=18)>. Acesso em: mar. 2009.

CRUSE, D. A.; CROFT, W. **Cognitive Linguistics**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

ELLIS, Rod. **Second Language Acquisition**. Oxford: Oxford University Press, 1997.

\_\_\_\_\_. **Understanding Second Language Acquisition**. Oxford: Oxford University Press, 1985.

FAUCONNIER, G. **Encyclopedia of Cognitive Science - Cognitive Linguistics**. Frankfurt, 2004. Disponível em: <[http://fias.uni-frankfurt.de/~triesch/courses/cogs1/readings/Cognitive\\_linguistics.pdf](http://fias.uni-frankfurt.de/~triesch/courses/cogs1/readings/Cognitive_linguistics.pdf)>. Acesso em: mar. 2009.

GITSAKI, C. Second Language Acquisition Theories: Overview and Evaluation. **Journal of Communication and International Studies**, 4(2), 89-98. Queensland, 1998. Disponível em: <<http://espace.library.uq.edu.au/eserv/UQ:9550/L2-theories.htm>>. Acesso em: mar. 2009.

GRÉGIS, R; Ney, V. A aquisição da língua estrangeira e algumas de suas particularidades. In: BARBOSA, Valéria Koch; SCHNEIDER, Simone Daise (Org.). **Linguagem, sociedade e interação: reflexões teórico-práticas**, Novo Hamburgo, RS: Editora Feevale, 2007, p. 123-143.

KEMMER, S. **About Cognitive Linguistics – Historical background**. Texas, 2007. Disponível em: <<http://www.cognitivelinguistics.org/cl.shtml>>. Acesso em: mar. 2009.

LANGACKER, R. W. **Grammar and Conceptualization**. Berlin, New York: Mouton de Gruyter, 2000.

LARSEN-FREEMAN, D.; LONG, M. **An**

<sup>10</sup> “We wish to know what it is that is acquired, how it is acquired and when it is acquired. But were we to have the answer even to these questions, we would still want to know why” (ELLIS apud RUTHERFORD, 1982).

**Introduction to Second Language Acquisition Research.** England: Longman Group, 1991.

LIGHTBROWN, P.; SPADA, N. **How Languages are Learned.** Oxford: Oxford University Press, 1999.

MITCHELL, R.; MYLES, F. **Second Language Learning Theories.** Oxford: Oxford University Press, 2004.

PONTES PASSOS, D.; ANDRADE, P. **A Contribuição das Teses do Inatismo para o Estudo de Aquisição da Linguagem e Desenvolvimento da Linguagem.** Sobral CE, 2007. Disponível em:

<<http://www.usinadeletras.com.br/exibelotexto.php?cod=44802&cat=Artigos&vinda=S>>. Acesso em: mar. 2009.

SKEHAN, P. **A Cognitive Approach to Language Learning.** Oxford: Oxford University Press, 1998.

TOWELL, R.; HAWKINS, R. **Approaches to Second Language Acquisition.** Bristol: Multilingual Matters, 1994.

WHITE, L. **Second Language Acquisition and Universal Grammar.** Cambridge: Cambridge University Press, 2003.